



DESCOBERTAS
DO BRASIL

Angélica Madeira
e Mariza Veloso
organizadoras

EDITORA



UnB

ENIGMA BRASIL

Este livro multidisciplinar compõe-se de diversos olhares curiosos e perspicazes de autores contemporâneos sobre os variados países-Brasil, imaginados por artistas e intelectuais ao longo do tempo, do período colonial à contemporaneidade. São onze ensaios – escritos por sociólogos, teóricos e estudiosos da literatura, antropólogos, lingüistas, críticos de arte, diplomatas, historiadores e artistas, alguns renomados, todos muito lúcidos e bem informados – a respeito de movimentos culturais e autores que pensaram, pintaram, romancearam, cantaram, filmaram o Brasil, dos pós-modernos ao Marquês de Lavradio, do Cinema Novo aos iluministas, dos românticos aos modernistas, de Euclides da Cunha a Guimarães Rosa, de Humberto Mauro a Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha.

Dessa polifonia emergem tradições culturais muito distintas entre si, tanto dos autores dos ensaios quanto dos artistas, intelectuais e textos analisados. As visões se interpenetram, se contradizem e se influenciam mutuamente, trazendo para o centro do livro questões cruciais, rela-



DESCOBERTAS
DO BRASIL



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor
Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Elizabeth Cancelli

Estevão Chaves de Rezende Martins, Henryk Siewierski,
Moema Malheiros Pontes, Reinhardt Adolfo Fuck,
Sérgio Paulo Rouanet, Sylvia Ficher



DESCOBERTAS DO BRASIL

Angélica Madeira e Mariza Veloso
organizadoras

EDITORA

UnB

Copyright © 2001 by Angélica Madeira e Mariza Veloso (organizadoras)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SCS Q. 02 Bloco C Nº 78 Ed. OK 2ª andar

70300-500 Brasília DF

Fax: (0__61) 225-5611

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Equipe editorial

Wilma Gonçalves Rosas Saltarelli *preparação de originais*

Gilvam Joaquim Cosmo, Wilma Gonçalves Rosas Saltarelli, Clarissa Falcão de Sant'Anna, Sonja Cavalcanti e Yana Palankof *revisão*

Sabrina Lopes *projeto gráfico e capa*

Elmano Rodrigues Pinheiro *produção gráfica*

Screen CTP e Fitolitos Digitais *fotolitos*

Editora e Gráfica Itamarati *impressão e acabamento*

Ilustração da capa: sobre a imagem "Descrição de todo o marítimo da terra de Santa Cruz, chamado vulgarmente o Brasil", de João Teixeira Albernaz, 1640. Arquivo do Ministério das Finanças, Lisboa.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Descobertas do Brasil / Angélica Madeira e Mariza Veloso (organizadoras)
Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.
340 p.

ISBN: 85-230-0606-0

1. História do Brasil. 2. Cultura Brasileira. I. Madeira, Angélica.
II. Veloso, Mariza.

CDU 981

AGRADECIMENTOS

Um trabalho deste porte e desta natureza não poderia ser realizado sem o esforço e a colaboração de pessoas e instituições que o tornaram viável e concreto.

Agradecemos ao Embaixador Lauro Moreira, Presidente da 1ª Comissão para as Comemorações do V Centenário da Descoberta do Brasil, por seu empenho primordial em construir uma base para a reflexão crítica e multidisciplinar sobre a Cultura Brasileira.

Ao Secretário Tarcísio Costa, Secretário Executivo da mesma Comissão, interlocutor intelectual e entusiasta das idéias que orientaram este projeto.

A Maria Lucia Verdi, Assessora Especial da Comissão, que, em momentos de dificuldades e incertezas sobre a continuidade deste projeto, assumiu, de forma decisiva, a coordenação dos trabalhos.

Gostaríamos de agradecer ainda a todos aqueles que participaram da execução, desde seu início até sua concretização em forma deste livro.

Nosso reconhecimento a todos os colegas que aceitaram participar desta coletânea, com suas idéias originais, resultado de pesquisas extensas e exaustivas, mesmo tendo sido mudadas a natureza e as condições iniciais.

As organizadoras

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 9 |
| Brasil-Colônia: Deslocamento e Hibridismo | |
| Molduras para o Período Colonial Brasileiro: uma agenda de pesquisa Angélica Madeira e Mariza Veloso | 23 |
| No Brasil Colonial, "um é o outro": etnocentrismo e relativismo no olhar do Marquês de Lavradio Mary Del Priore | 53 |
| Combates da razão: luzes e pombalismo entre os mineiros Fábio Lucas | 77 |
| O Brasil Moderno: Literatura e Sociedade | |
| Oralidade, romance e pedagogia de leitura no romantismo brasileiro Marisa Lajolo | 89 |
| Os sertões entre dois centenários Roberto Ventura | 109 |
| Caio Prado: modernista, contemporâneo Mariza Veloso e Angélica Madeira | 125 |
| A redescoberta do Brasil nos anos 1950: entre o projeto político e o rigor acadêmico Lúcia Lippi Oliveira | 139 |

Ensaio

| | |
|---|-----|
| grandesertão.br ou: A invenção do Brasil Willi Bolle | 165 |
|---|-----|

Arte e Cultura

| | |
|---------------------------------------|-----|
| A sonoridade brasileira Luiz Tatit | 239 |
|---------------------------------------|-----|

| | |
|--|-----|
| O Brasil traduzido no cinema Flávio Goldman | 273 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| A construção da identidade nacional na arte dos anos 1960 e 1970 Murilo Fernandes Gabrielli | 293 |
|---|-----|

| | |
|-------------------------|------------|
| Sobre os autores | 325 |
|-------------------------|------------|

| | |
|-----------------------------|------------|
| Créditos das imagens | 327 |
|-----------------------------|------------|

APRESENTAÇÃO

Esta é a história de um projeto que se transformou em outro projeto. A idéia de realizar um ciclo de palestras em várias cidades do Brasil e do exterior sobre cultura brasileira resultou nesta coletânea de estudos e ensaios sobre o mesmo tema.

O que se mantém da proposta inicial é a perspectiva dialógica que a orientou. A dialogia pode ser aqui compreendida tanto como a construção de um desenho teórico-metodológico transdisciplinar para a leitura de textos quanto um desejo de diálogo real com colegas e intelectuais.

A diversidade dos textos publicados nesta coletânea revela uma busca deliberada de criar novas conexões entre abordagens históricas, sociológicas e literárias de narrativas que se inserem nessa tradição de "retratos do Brasil".

Entre a primeira idéia do projeto e a presente publicação, houve ajustes e adequações na busca de manter a coerência e o desenho original. Os artigos aqui contidos evidenciam a riqueza e a diversidade de um campo discursivo chamado Brasil. Alguns artigos são mais pontuais e incidem sobre obras, períodos ou aspectos específicos da realidade brasileira; outros são mais amplos e buscam mapear o campo e definir os percursos das diferentes linguagens estéticas voltadas para a criação de uma imagem do Brasil, seja na literatura, na música, na pintura ou no cinema.

Buscamos realçar narrativas e imagens que, em sua expressividade ou contundência, pudessem revelar as possibilidades de diálogo ou de conflito entre as tradições culturais diversas que aqui entraram em contato. Se relidas de forma crítica e não tautológica, as narrativas e as imagens definem em si mesmas um espaço de confluência entre as diferentes matrizes e permitem visualizar as marcas que as culturas deixaram umas nas outras.

Pretendemos assim explorar nosso acervo intelectual e estético por meio de obras que representam um deslocamento interpretativo e de autores que

trazem uma visão particularmente lúcida ou inovadora sobre aspectos do nosso processo de constituição histórica. As narrativas e as imagens selecionadas devem ainda permitir compreender como os sistemas de pensamento e os códigos estéticos elaborados nas metrópoles são reapropriados nas colônias, como a recepção de idéias e tendências não é mecânica, e, sim, seletiva e pragmática, revelando os graus diferenciados de consciência crítica da *intelligentsia* formada a partir de uma posição colonial.

Formou-se entre nós – nos vários campos do conhecimento – uma tradição de estudos sobre a cultura brasileira, à qual vêm se somar os textos aqui publicados. Todos eles são leituras, leituras de leituras que compõem uma série discursiva e dão existência a essa tradição de "retratos do Brasil".

A primeira parte desta coletânea introduz o tema e focaliza o período colonial, quando predominam narrativas e imagens deixadas por cronistas e viajantes, responsáveis por uma idéia do Brasil que terá o poder de modelar nosso olhar sobre nós mesmos. No entanto, já neste período, surgem outras perspectivas que realizam um deslocamento em relação aos modelos metropolitanos e dão início a um tipo de pensamento crítico sobre a sociedade colonial.

Ao nos voltarmos sobre esse período, interessava-nos discutir o papel dos deslocamentos de populações explorando a noção de hibridação e o das matrizes culturais para a compreensão da História do Brasil-Colonial. Interessava-nos observar como as matrizes e os códigos diversos são apropriados e remanejados por artistas e pensadores que forjam suas obras neste espaço de tensão. A obra satírica e erótica de Gregório de Matos Guerra, as deformações das esculturas de Aleijadinho, a delicadeza da pintura de Ataíde, as harmonias polifônicas da música de José Maurício são exemplos da força da expressão da arte barroca produzida no Brasil, o que a torna uma categoria estética e cultural relevante para repensar nossos processos sócio-históricos.

A segunda parte detém-se na modernidade brasileira, na qual incluímos todo o século XIX e a primeira metade do século XX. Mais precisamente, consideramos que desde a introdução e a adoção de procedimentos considerados modernos, como a criação de instituições científicas e culturais, deixam-se ver as contradições da implantação da modernidade, calcada em modelos metropolitanos e sempre tardia, em contexto periférico.

Os intelectuais brasileiros convivem com essa situação paradoxal. Sentem, ao mesmo tempo, a necessidade de estar em permanente sintonia com o que acontece nos centros produtores de conhecimento e a dificuldade de pensar a cultura local, inaugurando uma dicotomia que terá longa carreira no pensamento social brasileiro. As respostas encontradas são reveladoras

de um duplo esforço: o de dialogar com a tradição ocidental, investida de valores de universalidade, e o de inventar expedientes críticos para superar, em alguma medida, o "complexo mimético" instilado nas culturas que se moldaram a partir da experiência histórica do colonialismo.

Do ponto de vista de uma sociologia do conhecimento, interessava-nos dar continuidade a essa discussão interrogando-nos sobre os dispositivos postos em ação por artistas e intelectuais brasileiros, para se apropriarem de idéias geradas nas metrópoles em seu propósito de pensar sobre o Brasil.

A construção do imaginário romântico baseado no culto à natureza e à paisagem foi modelada pelo olhar de estrangeiros e por brasileiros que sempre indo ou vindo da Europa, traziam as idéias modernas, liberais e românticas.

A questão da recepção do positivismo e do cientificismo pela geração de intelectuais da transição do século XIX para o século XX parecia poder ser inteiramente resumida nos impasses e nas perspectivas críticas abertos por *Os sertões*, obra que, literalmente, descobre o Brasil.

Já em 1920 e 1930, a nova postura dos intelectuais exige que se criem expedientes de ação institucional e política que põem em uso categorias mais afinadas com a época para lidar com a questão da diferença cultural e da defasagem em relação aos processos de modernização. A Antropofagia surge como categoria cultural, e a devoração como metáfora para lidar com as idéias importadas.

A produção de pensamento sobre o Brasil adquire, nesse momento, uma grande densidade e originalidade, inaugurando uma vanguarda e um modelo de "retratos" trazidos pelos literatos e pelos cientistas sociais. Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Caio Prado deixaram obras que se tornaram modelares do ensaísmo sócio-histórico modernista. Essas obras mantêm ainda hoje grande capacidade explicativa sobre dilemas não resolvidos e, por essa razão, não poderiam deixar de ser mencionadas em um debate sobre narrativas que reinventaram o Brasil.

Nos anos 1950, em um momento de inflexão importante das relações de poder internacionais, os intelectuais teriam de elaborar outras categorias para conceber as estratégias de desenvolvimento a serem postas em ação. Surgem muitos "projetos de Brasil" e, em torno deles, debates acirrados relacionados à questão da mudança social, da relação com o capital estrangeiro e da burguesia nacional, uma preocupação em descobrir quem era o povo no Brasil.

A terceira parte da coletânea manteve a amplitude contida na proposta original que poderia trazer à reflexão narrativas e imagens, em qualquer campo

das artes ou do pensamento, que revelassem a expressividade e a capacidade das produções intelectuais contemporâneas dedicadas à interpretação do Brasil. Parecia-nos adequada qualquer perspectiva que focalizasse a busca de uma linguagem própria, falando com sotaque brasileiro, como a que se deu por meio do Cinema Novo, marginal ou contemporâneo; ou por meio das artes plásticas, em obras de artistas que mergulharam na realidade e emergiram trazendo alegorias que marcaram a nossa contemporaneidade.

Os temas propostos buscavam revelar a lógica subjacente às principais estratégias presentes na produção cultural brasileira, resultantes da formação a partir de múltiplas matrizes e da posição ocupada pelo campo intelectual em relação ao campo do poder, nas relações assimétricas que transparecem no jogo das designações que o mesmo e o outro reciprocamente se atribuem.

As tensões surgidas com o descobrimento da América e do Brasil põem em discussão, na Europa, o debate sobre as relações entre o universal e o particular, remodelam o pensamento europeu ao mesmo tempo em que possibilitam, nas colônias, o surgimento do nativismo e de um imaginário brasileiros. A discussão filosófica ocidental altera-se substantivamente diante das novas descobertas. Como atualizar esse debate?

Por último, interessava-nos definir algumas categorias necessárias para a compreensão do modo de funcionamento das sociedades contemporâneas e, particularmente, da sociedade brasileira. Observar as imagens veiculadas pelos meios de comunicação, mediadoras dos padrões de sociabilidade, e formular perguntas sobre as formas de produção e reprodução social dos valores. Uma pergunta final: como criar nexos e compromissos entre Ética e Estética, entre Política e Cultura? Por que é importante voltar a falar de arte interessada, ampliar os espaços para a arte pública?

Na terceira parte, interessava-nos mesmo enfatizar o campo das artes – música, cinema, artes plásticas, literatura – como um espaço de criação de narrativas e de alegorias contundentes sobre o Brasil. A capacidade que possuem os produtos estéticos de modelar as culturas e os momentos históricos poderia ser examinada em qualquer uma das linguagens nas quais se plasma o trabalho artístico.

A partir daí surgiu a coletânea. Todos os artigos estão voltados para um mesmo propósito: examinar narrativas e imagens construídas sobre o Brasil. Por conseguinte, partindo sempre de textos e documentos, todos eles assentam-se em uma análise da linguagem, suporte material que traz as marcas do lugar, da visão e da voz que fornecem os parâmetros para as interpretações elaboradas.

O artigo de Mary Del Priore, ao debruçar-se sobre a correspondência pessoal do Marquês de Lavradio, traz à tona o eurocentrismo da sociedade

portuguesa e sua impossibilidade de conceber a diferença cultural. O fato de basear-se nas cartas do marquês, que traduzem com maior liberdade as vicissitudes da política, permite à historiadora uma intersecção, muito rica do ponto de vista metodológico, entre biografia e história, explorando um importante circuito de comunicação entre a esfera privada e a esfera pública.

A situação encontrada na Colônia pelo marquês, quando de sua chegada, em 1769, é descrita como catastrófica, e ele próprio sentia ter-se metido em um "labirinto (...) muito maior, mais trabalhoso e arriscado do que eu supunha" (*apud* Del Priore).

A imagem do Labirinto, como esclarecerá o ensaio de Willi Bolle, central para a representação euclidiana do Sertão e de Canudos, será tomada de forma radical por Guimarães Rosa. Para ele, o labirinto torna-se método composicional para a elaboração da narrativa de Riobaldo, acompanhando a memória-labirinto, de suas andanças pelo Sertão.

O labirinto, com toda sua carga mitológica, retorna contextualizado e aponta para a impossibilidade de apreender e de dominar a diferença, de controlar o caos generalizado, seja o contrabando, para o Marquês de Lavradio, seja as hordas de sertanejos, para Euclides, ou o próprio fluxo narrativo, a matéria heterogênea e o diverso, para Guimarães Rosa.

As modulações da brasilidade vão assim se desenhando à medida que iniciamos esse percurso de leituras de artigos e ensaios dedicados a realçar, nas diversas linguagens, um pensamento sobre o Brasil.

Nessa busca de compreensão da realidade brasileira, os textos debruçam-se sobre o processo de formação da identidade, com consciência plena de não se tratar de uma categoria ontológica imutável, e, sim, de um processo paradoxal e ambíguo que se desenrola entre o mesmo e o outro.

Identidade e alteridade constituem um par produtivo na permanente e obsessiva tarefa de construir a nação. O que se repete nessa fala engasgada, que ora afirma ora nega a singularidade dessa construção? Que discurso é esse que não pára de questionar seus pressupostos e de questionar-se a si mesmo?

Evidencia-se assim como o processo de construção histórica de uma nação é acompanhado pela emergência de narrativas que formam as várias camadas de sentido e que, ao admitirem múltiplas leituras, de acordo com os interesses e as preocupações de cada geração, vão contribuindo para tornar mais denso o campo de estudos sobre o Brasil. Essa hipótese explicita-se no texto "Molduras para o período colonial brasileiro", que consideramos, antes de mais nada, como uma trilha para a compreensão dos primeiros séculos de colonização, uma agenda de pesquisa.

Mary Del Priore mostra com precisão como as narrativas construídas remetem-se sempre a um ponto de vista específico. Para apreendê-las em sua densidade histórica, é preciso mobilidade de olhar e percepção para deslocar os discursos da posição central em que se encontravam para localizá-los no vazio, no entrelugar, a partir do qual pode ser exercida a releitura crítica.

Enquanto Mary Del Priore trata e desmonta uma construção eurocêntrica, na qual o Brasil aparece como o modelo invertido da Metrópole, o artigo de Fábio Lucas discute a recepção seletiva das idéias iluministas e os primórdios do pensamento nativista no Brasil, com Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Santa Rita Durão. Discute também as dificuldades dos intelectuais em conceptualizar o Brasil e a consciência de ter de fundá-lo a partir da língua. Desde o início, a busca da identidade é um dos dispositivos modeladores da imaginação e da construção de uma língua brasileira, feita da contribuição de todas as nações que pronunciavam ou mastigavam o português, cada qual a seu modo. Esse projeto da *intelligentsia* atravessará os séculos e deixará que se mostrem os avanços e os recuos da racionalidade e do pragmatismo nas oscilações e na fragilidade do pensamento aqui formulado.

Desvendando relações entre o campo intelectual e o campo do poder, o artigo de Marisa Lajolo discute a importância da literatura para a formação da nacionalidade e para o impasse de nossa entrada na modernidade, tendo como passado o precário começo colonial. Ao abordar a questão da escrita e da leitura, constata a rarefação dessas práticas e o impasse de nossos intelectuais românticos na tentativa de acompanhar os avanços de uma civilização letrada em um contexto em que predomina a comunicação oral. É significativa a análise de Lajolo, que aponta, em nossos românticos, para o debate sobre a mistura peculiar entre a prática da escrita e a prática da oralidade, conforme marcas encontradas na obra de Alencar ou de Taunay.

Esse conflito entre duas civilizações – a dos letrados, em geral provindos da classe abastada, e a do povo – vai permanecer sob forma de uma clivagem intransponível, contradição maior com a qual Willi Bolle inicia seu ensaio sobre Guimarães Rosa, desvendando, a partir de categorias estéticas, o "retrato do Brasil" que se delinea da escrita labiríntica de *Grande sertão: veredas*. A ironia da narrativa deixa-se notar desde a primeira fala do narrador Riobaldo, mediador entre os de cima e os de baixo, em posição de "jagunço letrado", o que lhe permite organizar a narrativa e introduzir o enigmático interlocutor que suscita o jorro de sua memória afetiva. A hipótese do diálogo de Guimarães Rosa com Euclides da Cunha, que se duplica no de Riobaldo com o interlocutor-doutor, atinge, na leitura de Bolle, um ponto alto da explicação do difícil texto rosiano.

Este é visto em contraste com a narrativa de Euclides quanto ao problema moral, diante do *topos* do tribunal da História, e quanto à questão da linguagem para expressar a gente sertaneja, para falar desse miolo do Brasil, "País de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias"...

A figura do labirinto, já comentada, é interpretada por Willi Bolle como o "hipertexto das eras arcaicas". O texto rosiano, ao romper com a linearidade e ao seguir a lógica das associações, constrói um *website*, uma "rede de redes temáticas" na qual é possível identificar os elementos cruciais que desenham as contradições e permitem estudar o povo brasileiro.

Que outras palavras, que novas miragens e utopias podemos ter nesse Brasil contemporâneo, após quinhentos anos de confrontos e do desconhecimento mútuo dos grupos sociais que o compõem?

Roberto Ventura traz para o debate o personagem Euclides da Cunha, sua participação nas comemorações do IV Centenário da Descoberta do Brasil, assim como as contradições que encarnou esse intelectual ao lidar com questões candentes, como a do atraso e da modernização, da natureza e da implantação da civilização nos trópicos, projeto sempre deficiente, sempre inacabado. Ao confrontar-se com as condições de existência dos sertanejos e com relações de trabalho semi-escravo que encontrou nos seringais do Acre, Euclides contribuiu para politizar a geografia, associando o traçado das estradas e dos rios aos tentáculos de um polvo a desenhar a "imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada" (*apud* Ventura).

Assim vai se densificando o campo dos discursos sobre o Brasil, não sem deixar que se formem nas suas margens, não sem deixar crescer à sombra das narrativas canônicas as vozes múltiplas, a diversidade inexorável de que se compõe a cultura brasileira, constituída, de modo singular, a partir das diferentes matrizes e de suas misturas. Matéria-prima densa, múltipla, desdobrada em produtos estéticos que deixam falar o reprimido e o contraditório, presentes nos processos sócio-históricos.

Caio Prado, com a peculiar lucidez que caracteriza sua leitura do Brasil, baseada no materialismo dialético, método poderoso de análise, realçou a presença desses conflitos e problematizou aspectos até então não explorados pelas interpretações tradicionais da Colônia, como os da escravidão moderna e os da classe dos homens livres e excluídos do processo produtivo.

O artigo de Lúcia Lippi detém-se sobre a construção da nação na década de 1950, momento de mudança de orientação na política interna (fim do Estado Novo) e de mudança no eixo das relações de dependência econômica e cultural que, a partir da Segunda Guerra Mundial, passam a ter como referência os Estados Unidos.

Também os intelectuais dessa geração se darão à missão da construção nacional e, para isso, trazem novas categorias para pensar o Brasil – como a de subdesenvolvimento ou Terceiro Mundo – e novas propostas para seu impasse: modernização, urbanização, industrialização.

O povo é aí compreendido como inculto e ignorante, incapaz de participar dessa construção intelectual que se bipolarizou ao se confrontar com um dos debates mais importantes do Brasil da época, sobretudo os debates concernentes à entrada ou não dos capitais estrangeiros. O artigo mostra com precisão o papel dos meios de comunicação de massa, o rádio e o jornal já plenamente implantados, a televisão em seus primórdios, ensaiando os primeiros passos na conquista do público que se tornaria cativo. O campo intelectual torna-se mais complexo, e as posições polarizam-se em torno de dois centros de produção de conhecimento, um no Rio – o ISEB – e outro em São Paulo – a USP –, que têm concepções totalmente distintas sobre o papel da ciência, do intelectual e sobre qual o melhor modelo de desenvolvimento para o Brasil.

O artigo de Lúcia Lippi mostra a vitalidade do tema da mudança social e o deslocamento das categorias de análise sobre a cultura brasileira, constatando a concomitância e a estruturalidade da relação entre arcaico e moderno em nosso país. Ficam assim expostos alguns dos paradoxos e algumas das ambigüidades da cultura brasileira.

Aprendemos que naquele momento há um núcleo básico que estrutura algumas vertentes de pensamento. A autora dá destaque aos dispositivos postos em ação pelo ISEB para interpretar o Brasil e às idéias que se apóiam "no conceito de alienação de matriz hegeliana, acoplada ao existencialismo francês e ao conceito de situação colonial. Tais parâmetros forneceram o arcabouço básico e marcaram o pensamento dos anos 1950" (*apud* Lippi).

Vale ressaltar no artigo mencionado – para que se promova um diálogo com os outros textos que compõem este livro – a percepção de um sentimento de urgência, de necessidade da implantação de processos concretos de transformação histórica. Pois, mais do que nunca, nas décadas de 1950 e 1960, não só as contradições se tornam mais expostas como há uma polarização das posições. Com a intensificação do processo de produção capitalista, elas se tornam mais rígidas e se grupam em instituições, elaborando categorias como *nacional-popular* e *imperialismo*.

Com os três artigos finais da coletânea, estamos diante de delineamentos amplos e de mapeamentos sobre as representações do Brasil no âmbito da música, do cinema e de outras linguagens artísticas. Luiz Tatit mostra a importância do corpo e da voz para a elaboração de uma sonoridade brasileira, em uma perspectiva panorâmica que vai desde o período colonial até a contempora-

neidade, montando sua análise a partir do exame dos circuitos institucionais que possibilitaram o surgimento de uma sociedade na qual a música é uma de suas expressões mais fortes. Flávio Goldman capta a mesma problemática no cinema discutindo como as obras de três cineastas, Humberto Mauro, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, conseguiram construir uma imagem original para o Brasil, uma luminosidade brasileira, sem os filtros e as trucagens utilizados pelos cinemas europeu e americano à época.

Já o artigo de Murilo Gabrielli reúne muitas informações e dados esparsos para analisar a situação das artes nas décadas de 1960 e 1970. Começa por estabelecer um marco entre modernismo e pós-modernismo, mostrando como houve uma reorientação de atitude por parte dos criadores, o que repercutiu em todas as linguagens nas quais se exprimiam nossos artistas. Embora sem se estender na análise dos dados, o artigo possui um desenho próprio e dá visibilidade às contradições, ao pôr as diferentes linguagens lado a lado. Seja na música ou nas artes plásticas, as obras comentadas aparecem muitas vezes excessivas e intensas, extrapolando as bordas. Reeditam-se, em muitos momentos, as matrizes estéticas do Barroco, feitas de dobras, sombras e penumbras insistentes que fazem ressaltar a luz dos trópicos.

As estruturas sociais e simbólicas de nossa história ficaram marcadas por um permanente conflito entre os diferentes grupos e entre os diferentes discursos. Essas perspectivas discursivas não são aqui vistas como complementares, mas suplementares. Acrescentam algo que até então não havia sido elaborado.

A tarefa aqui empreendida permitiu-nos observar os processos de continuidade e mudança dos significados e das práticas culturais. Para nós, é especialmente importante observar o que se reproduz, o que se mantém, apesar das transformações e da implantação de processos modernizadores do Brasil: os arcaísmos, os traços do atraso, as ambigüidades. Quais são esses paradoxos que se estabilizam na cultura e que se inserem nos destinos dos indivíduos e dos grupos?

O resultado dessas leituras sugere muitas vezes a originalidade que advém dos processos de derrapagem da interpretação que desfoca a visão centralizada do outro e suspende a reprodução de retratos precários e inferiorizados. As redescobertas do Brasil podem ser entendidas como um processo permanente, que nunca estanca e, por isso mesmo, exige vigilância epistemológica.

Cada configuração sócio-histórica permite a emergência de dispositivos de controle e de produção dos discursos que já trazem embutidos os mecanismos para o enquadramento de toda forma de alteridade, de toda diferença. Dicotomias como o doutor e o analfabeto, a cidade e o interior, o tradicional e o moderno organizam muitas das narrativas examinadas.

O artigo de Roberto Ventura, ao analisar os textos de Euclides da Cunha sobre o sertão e sobre a selva amazônica, desertos da natureza e da cultura, explicita o gesto euclidiano de trazer o sertão e a floresta para dentro da história. O sertão é visto como espaço vazio, porque vazio de escrita e de civilização. Há aí, implícitas, uma teoria da história e uma teoria da escrita. Assim, narrar a Guerra de Canudos ou a condição das populações amazônicas é, na concepção de Euclides, inseri-las na história do Brasil.

Euclides da Cunha concebe o Brasil não propriamente como excesso, apesar de sua escrita eloqüente e barroquizante, mas como falta, o corpo acomodado nos trópicos, o sentimento de exílio dos intelectuais, o projeto brasileiro vivido como missão. Para onde direcionar sua narrativa? Quem seriam seus verdadeiros interlocutores? Euclides parece hesitar em sua resposta a essas perguntas.

Os artigos comentados revelam, de modo contundente, as possibilidades de *Descobertas do Brasil* e sugerem repensar a noção de influência unilateral que sempre se afirmou existir da Metrópole sobre a Colônia. Houve, por exemplo, segundo Luiz Tatit, casos em que a direção foi invertida, como o da modinha que foi do Brasil para Portugal (*apud* Tatit).

Esse fato, aparentemente simples, conduz a uma reflexão sobre a questão da influência, principalmente se for levado em conta o campo da música popular no Brasil. Trata-se muito mais da existência de confluências e de reciprocidade do que de qualquer forma de influência unilateral.

Os espaços sociais concretos encontram sua ressonância, delineiam-se nas elaborações da linguagem. Afinal, que língua fala o povo brasileiro? Com que voz poderia achar as palavras certas, ou melhor, fazer as perguntas exatas para descobrir novas experiências significativas para a sociedade?

O texto de Willi Bolle resplandece com hipóteses e respostas a perguntas intermináveis. Quem sabe sobre a verdade do Brasil? Bolle parece sugerir que os intelectuais, ao falarem sobre o Brasil, pudessem assumir uma atitude semelhante à de Riobaldo, alguém que duvida e pergunta, alguém capaz de fazer a mediação entre as duas pontas do abismo que separa as classes, que separa a escrita da elite e a fala do povo.

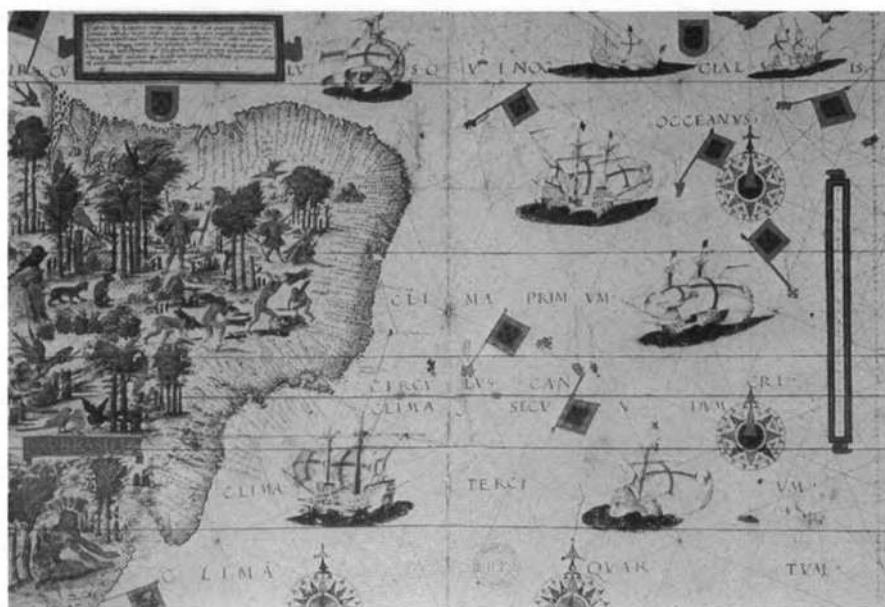
Ao comparar *Os sertões* com *Grande sertão: veredas*, Bolle abre espaço para uma discussão sobre essas formações narrativas que transitam entre o mito e a história. Seguindo os ensinamentos de Walter Benjamin, assinala que "ler a história originária é revelar a consciência histórica adormecida nessas imagens arcaicas – é o ofício de um historiador que se entende como "intérprete dos sonhos coletivos".

O Brasil continua a se deixar entrever no trânsito entre o arcaico e o moderno, entre paradoxos, injustiças e ambigüidades.

Com essa coletânea desejamos suscitar um deslocamento do olhar, participar de um movimento que promova uma suspensão de estereótipos sobre o Brasil. Desejamos ainda participar desse campo de estudos, tornando-o ainda mais rico e mais denso.

A riqueza e a multiplicidade da cultura brasileira reveladas nesse percurso devem servir como estímulo para uma reflexão crítica, uma reflexão que evidencie as questões candentes e exponha as fraturas sociais, mas que traga também uma base analítica para que se deixem vislumbrar formas de ultrapassar impasses e buscar alternativas políticas de emancipação para a sociedade brasileira.

Angélica Madeira e Mariza Veloso



Lopo Homem.

Atlas náutico português, dito Miller. *Hec est universi orbis ad hanc usque diem cogniti tabula...* 1519.

Pergaminho, 42 x 59 cm.

SOBRE OS AUTORES

ANGÉLICA MADEIRA é doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII e professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e do Instituto Rio Branco, MRE. Publicou artigos e ensaios em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura e cultura brasileira e arte contemporânea. Em parceria com Mariza Veloso, publicou *Leituras brasileiras, itinerários no pensamento social e na literatura*, pela Editora Paz e Terra, 1999, reeditado em 2000. Editou a Revista *Sociedade e Estado* entre 1991 e 1995. Atualmente é diretora da Casa da Cultura da América Latina, do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília.

FÁBIO LUCAS é presidente da União Brasileira de Escritores, SP; ex-professor da Universidade de Brasília, ex-professor da Universidade Federal de Minas Gerais; ex-diretor do Instituto Nacional do Livro; autor de 34 obras de ensaios, sendo a última *Luzes e trevas – Minas Gerais no século XVIII*, pela editora da UFMG, Belo Horizonte, 1998.

FLÁVIO GOLDMAN é bacharel em Direito e diplomata de carreira, servindo atualmente na Embaixada do Brasil em Roma. O presente artigo foi elaborado a partir de sua monografia para a disciplina "Leituras Brasileiras" do curso para formação de diplomatas, do Instituto Rio Branco, MRE.

LÚCIA LIPPI OLIVEIRA é doutora em Sociologia, pesquisadora do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas – RJ. Possui vários livros e ensaios sobre o pensamento social brasileiro e sobre as representações da identidade nacional. Publicou, dentre outros, *A questão nacional na 1ª República* (Ed. Brasiliense, SP, 1990), *A sociologia do guerreiro* (Ed. UFRJ, RJ, 1994) e *Americanos* (Ed. UFMG, 2000).

LUIZ TATIT é professor associado (livre-docente) do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Autor dos livros *A canção: eficácia e encanto* (Ed. Atual, 1986), *Semiótica da canção: melodia e letra* (Ed. Escuta, 1994), *O cancionista: composição de canções no Brasil* (Edusp, 1996) e *Musitando a semiótica: ensaios* (Ed. Anna Blume, 1997). Tatit é também compositor e, em sua atividade com o grupo Rumo, gravou seis LPs e dois CDs contendo 46 canções de sua autoria. Lançou, em 1997, o seu primeiro CD solo ("Felicidade") pela Dabliu, com mais 13 composições inéditas.

MARISA LAJOLO é professora titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, foi professora visitante da Brown University, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e da Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade. Tem vários trabalhos publicados sobre leitura e literatura (*A formação da leitura no Brasil*, 1996; *A leitura rarefeita*, 1991) e sobre história literária (*Negros e negras em Monteiro Lobato, apud Lendo e escrevendo Lobato*, 1999; *Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? Apud Historiografia brasileira em perspectiva* 1998). Seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* ganhou o prêmio Jabuti (ensaio) em 1995.

MARIZA VELOSO é doutora em Antropologia e professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e do Instituto Rio Branco, MRE. Autora de artigos e ensaios sobre cultura brasileira e patrimônio cultural e, em parceria com Angélica Madeira, publicou *Leituras brasileiras, itinerários no pensamento social e na literatura*, pela Editora Paz e Terra, 1999, reeditado em 2000.

MARY LUCY MURRAY DEL PRIORE é professora de História do Brasil Colonial nos Departamentos de História da USP e PUC/RJ. Autora de 14 livros sobre o período, foi duas vezes vencedora do prêmio Casa Grande & Senzala, outorgado pela Fundação Joaquim Nabuco, e do Prêmio Jabuti para obra de relevo em Ciências Sociais. Colabora com revistas científicas nacionais e internacionais, além de manter uma crônica mensal no jornal *O Estado de S. Paulo*.

MURILO F. GABRIELLI é bacharel em Administração de Empresas e diplomata de carreira. Teve experiência como jornalista na Folha de S. Paulo e, atualmente, trabalha na Assessoria de Comunicação Social do Ministério das Relações Exteriores. O presente artigo foi elaborado a partir de sua monografia para a disciplina "Leituras Brasileiras" do curso para formação de diplomatas do Instituto Rio Branco, MRE.

ROBERTO VENTURA é professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. Foi coordenador da área de história cultural do Instituto de Estudos Avançados da USP de 1993 a 1994. É autor de *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bonfim* (São Paulo, Moderna, 1984, com Flora Süssekind), *Escritores, escravos e mestiços em um país tropical* (Munique, W. Fink, 1987) e *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil* (São Paulo, Companhia das Letras, 1991).

WILLI BOLLE é professor de Literatura na Universidade de São Paulo. É autor, entre outras publicações, de *Fisiognomia da Metrópole moderna. Representação da história em Walter Benjamin* (São Paulo, Edusp, 1994) e de vários estudos sobre a obra de Guimarães Rosa.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. Lopo Homem.
Atlas náutico português, dito Miller. "Hec est universi orbis ad hanc usque diem cogniti tabula...", 1519. Pergaminho, 42 x 59 cm.
Coleção Marcel Destombes. XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura. Jerónimos I. Os Descobrimientos portugueses e a Europa do Renascimento. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa, 1983.
2. João Teixeira - cosmógrafo de Sua Majestade.
Descrição de toda a costa da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil, 1642. Pergaminho.
XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura. Jerónimos I. Os Descobrimientos portugueses e a Europa do Renascimento. Presidência do Conselho de Ministros. Livraria do Conde de Redondo. Lisboa, 1983.
3. Coração de Jesus.
MA, sem data. Madeira policromada e dourada, 97 x 78 x 10 cm.
Herança Barroca. Palácio do Itamaraty, Brasília, DF. Fundação Armando Álvares Penteado. Catálogo da exposição, 1997. Curadoria de Maria Isabel Branco Ribeiro, SP. Foto de Fernando Silveira.
4. Nossa Senhora da Conceição Missioneira.
Missões, RS, séc. XVIII. Cedro, 108 x 45 cm.
Herança Barroca. Palácio do Itamaraty, Brasília, DF. Fundação Armando Álvares Penteado. Catálogo da exposição, 1997. Curadoria de Maria Isabel Branco Ribeiro, SP. Foto de Ricardo Moure Neto.
5. Nicolas Antoine Taunay.
Morro de Santo Antônio em 1816. 1817-1818 c.
Óleo sobre tela, 45 x 56,5 cm.
O Brasil dos Viajantes. Volume 3, A Construção da Paisagem. Ana Maria de Moraes Belluzzo. Fundação Odebrecht, 1994.
6. Jean Baptiste Debret.
Marimba. Passeio de domingo à tarde, 1826. Aquarela sobre papel, 17,2 x 22,3 cm.
A Forma Difícil - Ensaio sobre arte brasileira, de Rodrigo Naves. Editora Ática, 1996. Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro.
7. Almeida Júnior.
O violeiro. 1899. Óleo sobre tela, 141 x 172 cm.
A Forma Difícil - Ensaio sobre arte brasileira, de Rodrigo Naves. Editora Ática, 1996.

8. Maria Martins.
A soma de nossos dias, 1954/55. Sermolite e estanho, 330,9 x 190,7 x 64,9 cm.
Acervo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP.
9. Humberto Mauro.
Favela dos meus amores, 1955.
Enciclopédia do Cinema Brasileiro. Organizadores: Fernão Ramos e Luís Felipe Miranda.
10. Poty.
Ilustrações para o livro Sagarana, de João Guimarães Rosa, 1958.
Sagarana, Editora José Olympio.
11. Hélio Oiticica.
Metaesquema, 1958. Guache sobre papel, 0.55 x 0.64 m.
A forma difícil – ensaio sobre a arte brasileira, de Rodrigo Novaes. Editora Ática, 1996.
12. Nelson Pereira dos Santos.
Vidas secas, 1963.
Arquivo F. Canosa.
13. Rogério Duarte.
Cartaz para o filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, 1963.
14. Rubem Valentim.
Objeto emblemático 4, 1969. Madeira recortada e pintada, 208 x 79 x 73 cm.
Escultura brasileira, perfil de uma identidade. Exposição realizada no BID, Washington, DC, e Banco Safra, SP. Idealização e coordenação de Elcior Ferreira de Santana Filho e curadoria de Emanuel Araújo, Banco Safra, 1997.
15. Oswald Goeldi.
Pescador, tiragem póstuma, 1970. Xilogravura, 25 x 36 cm.
Roberto Pontual. Entre dois séculos – arte brasileira do século XX na Coleção Gilberto Chateaubriand/MAM, RJ, Editora JB.
16. Athos Bulcão.
Painel de azulejos, 1983. Palácio do Itamaraty, Anexo. Brasília.
Athos Bulcão 80 anos. Projeto Pinacoteca no Parque. Pinacoteca de São Paulo, 1998.
17. Amílcar de Castro.
Sem título, 1983. Nanquim sobre papel, 106 x 76 cm.
Radha Abramo. *A cor e o desenho do Brasil.* Ministério das Relações Exteriores, Petrobras e Varig. Organização Centro Brasileiro de Projetos de Arte – CBPA, 1984.

18. Glauco Rodrigues.

Samba enredo, 1975. Óleo sobre madeira, 80 x 100 cm.

Coleções de Brasília. Acervos do Banco do Brasil, Banco Central e Caixa Econômica Federal. Palácio do Itamaraty. Ministério da Cultura, 1995.

19. Leonilson.

34 com scars, 1991. Acrílico, bordado, tela, 41 x 31 cm.

LAPIZ – Revista Internacional de Arte. Ano XVI. Números 134-135. Espanha, 1997.
Col. Theodorino Torcuato Dias e Carmen Bezerra Dias, São Paulo.

20. Leda Catunda.




Duas bocas, 1994. Acrílico sobre tela, 225 x 207 cm.

LAPIZ – Revista Internacional de Arte. Ano XVI. Números 134-135. Espanha, 1997.
Coleção Galeria Camargo Vilaça. Foto: Eduardo Ortega.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Amílcar de Castro, Ana Resende, Bené Fonteles, Berê Bahia, César Oiticica Filho, Editora José Olympio, Fundação Athos Bulcão, Glauco Rodrigues, Leda Catunda, Lia Alencastro, Márcia Santana Pereira do Santos, Roberto Leite, Rogério Duarte, Sérgio Moriconi, Wagner Barja.





tivas, por exemplo, à identidade, à alteridade, ao erudito e ao popular, ao papel da cultura na construção da nacionalidade. Questões capazes de nos fazer redescobrir o país, iluminando, e ao mesmo tempo alimentando, nossa mais antiga obsessão coletiva, a de tentar decifrar o enigma Brasil.

Janaína Amado

Textos de

Fábio Lucas

Flávio Goldman

Lúcia Lippi Oliveira

Luiz Tatit

Marisa Lajolo

Mary del Priore

Murilo F. Gabrielli

Roberto Ventura

Willi Bolle

e de

Angélica Madeira

e Mariza Veloso

(organizadoras)

A diversidade dos textos publicados nesta coletânea revela uma busca deliberada de criar novas conexões entre abordagens históricas, sociológicas e literárias de narrativas que se inserem nessa tradição de "retratos do Brasil".

Identidade e alteridade constituem um par produtivo na permanente e obsessiva tarefa de construir a nação. O que se repete nessa fala engasgada, que ora afirma ora nega a singularidade dessa construção? Que discurso é esse que não pára de questionar seus pressupostos e de questionar-se a si mesmo?

Evidencia-se assim como o processo de construção histórica de uma nação é acompanhado pela emergência de narrativas que formam as várias camadas de sentido e que, ao admitirem múltiplas leituras, de acordo com os interesses e as preocupações de cada geração, vão contribuindo para tornar mais denso o campo de estudos sobre o Brasil.

Código EDU: 303399

ISBN 85-230-0606-0



9 788523 006068